

## TECNOLOGIAS E TRABALHO DOCENTE NA ERA DIGITAL

**Vivian Jilou**

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação  
Universidade de Uberaba – UNIUBE, [vivianjilou@yahoo.com.br](mailto:vivianjilou@yahoo.com.br)

**Sálua Cecílio**

Professora pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação  
Universidade de Uberaba – UNIUBE, [salua.cecilio@uniube.br](mailto:salua.cecilio@uniube.br)

### 1 INTRODUÇÃO

A rápida transformação do cenário mundial globalizado mostra-se aliada à utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), aqui denominadas TDs (TDs). Diante de novos contextos sociais e de trabalho, o professor se vê desafiado a aderir às referidas tecnologias, seja no trabalho, seja no seu cotidiano.

A busca pela subsistência e pelo sucesso profissional tornou-se uma necessidade compulsiva que escraviza o indivíduo, levando-o a trabalhar sempre mais. Nesse contexto, o capitalismo flexível se faz mais nítido e presente à medida que pede ao trabalhador que seja mais ágil, apto a mudanças e disposto a assumir riscos. Conforme Castells (2007), a atual sociedade capitalista passa por um processo de reestruturação produtiva determinando maior flexibilidade de gerenciamento, organização das empresas em redes e de forma descentralizada, maior importância ao papel do capital para o trabalho, maior diversificação e individualização das relações de trabalho, ascensão feminina como força de trabalho, mediação estatal para desregular o estado de bem-estar social, aumento da concorrência econômica global e o gerenciamento do capital.

Apesar das relações entre demandas de mercado, educação e empregabilidade serem cada vez mais claras, e com a disseminação das TDs numa velocidade espantosa, as instituições de ensino ainda não conseguem acompanhar tais avanços.

Observados o aumento, a rapidez e a intensidade da circulação de informações, a figura do professor transmissor de informação passa a ser revista, mudada e, para alguns, diluída. Nesse sentido, importa discutir o papel e o lugar do professor na era digital, de

modo que se defina seu lugar na formação do ser social.

Dependendo de como são vistas e assumidas as TDs na educação, a dinâmica e os resultados do processo educativo por elas atravessado serão estabelecidos. Assim, cabe compreender o lugar das tecnologias no contexto operacional, social, informativo e educacional, e não simplesmente como uma ferramenta de uso.

Sejam elas conhecidas como TIC, TDs ou dispositivos móveis, elas impõem novos rumos e desafios ao trabalho e à formação docente. Assim, torna-se impossível escapar a sua utilização, independente da visão que se tenha sobre elas.

Numa visão otimista, as TDs na educação promovem o acesso ampliado ao ensino, facilitam o acompanhamento das mudanças sociais na escola, trazem mudanças na relação professor/aluno e podem revolucionar o processo ensino-aprendizagem.

Por outro lado, há os que reconhecem subprodutos da chamada inovação digital, tais como: prejuízo às habilidades e competências interpessoais, risco de redução do processo educativo à busca e troca de informações, além dos controles por meio delas exercidos.

O desafio é conviver com a mudança e não só se adaptar a ela. Quem não se habilita permanentemente, corre o risco de ser mais precocemente substituível, se consideradas as mutações do mundo do trabalho. A flexibilidade traz incerteza e ansiedade ao trabalhador. Por ser um sistema impaciente, o capitalismo aguarda um retorno imediato de resultados. Num afrouxar dos laços duradouros, cria relações interpessoais instáveis e passageiras. Tais mudanças tendem a modificar o significado e a organização do trabalho docente e redefinem o sentido de ser professor na era digital. Saber como os professores do ensino superior de duas instituições privadas de Uberaba-MG percebem e avaliam os usos das tecnologias no trabalho docente é o que se propõe.

## **2 METODOLOGIA**

A investigação, de abordagem qualitativa, incluiu pesquisa bibliográfica e de campo. Foram consultados livros e artigos publicados no período compreendido entre 2006 a 2012, na base de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO).

A pesquisa de campo baseou-se em entrevista individual semiestruturada com 16 professores universitários de duas IES da rede privada da cidade de Uberaba-MG, escolhidas pela similaridade entre si. A fim de se cumprir a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, aos participantes foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura e assinatura.

Embora definidos como critérios de inclusão a) ser professor universitário de instituição superior; b) ter disponibilidade e interesse em participar da pesquisa; e c) ter maior tempo de exercício profissional em relação aos demais, não foi possível a observância do último, devido à natureza de alguns cursos, cujos professores são jovens e iniciantes na carreira docente. Os que não consentiram e não assinaram o TCLE foram excluídos.

As entrevistas ocorreram de fevereiro a maio de 2013, observados os critérios: 1) atuar como docente em um dos cursos: Direito, Administração e Pedagogia da IES 1; 2) atuar como docente em um dos cursos: Direito, Administração e Sistemas de Informação da IES 2. A escolha dos cursos, por meio de seleção intencional, se justifica: a) pelo critério de serem dois cursos comuns nas instituições (Direito e Administração), b) um curso específico da área de educação em uma das instituições (Pedagogia), c) um curso (Sistemas de Informação) por ser uma área da tecnologia que está em ascensão. Os docentes foram selecionados a partir de lista nominal fornecida pelo Departamento de Recursos Humanos.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, com destaques para as falas com tom emocional forte [transcritas em negrito] e os trechos inaudíveis ou de sentido incompleto ou confuso com o sinal de (...). Das falas foram extraídos recortes (representados como unidades de registro), que sinalizassem para os objetivos estabelecidos e as unidades de sentido constituintes do objeto de pesquisa.

O tratamento e a interpretação dos resultados, orientados pela proposta de Bardin (1979) sobre análise de conteúdo, incluíram: a) pré-análise: fase de organização, sistematização das ideias iniciais contidas nas entrevistas, formulação de hipóteses e elaboração dos indicadores para a fundamentação teórica; b) exploração do material: período de codificação, transformação de dados brutos do texto em recortes e agregação que permitiram uma descrição pertinente do conteúdo; c) seleção das unidades ou categorias de análise, que contemplam palavras, frases ou temas, foi elaborada de acordo com as questões da pesquisa.

### **3 DOCÊNCIA E USOS DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO SUPERIOR**

Foram 16 os professores pesquisados, sendo dez da IES1 e seis da IES2; 10 (62,5%) do sexo masculino e 6 (37,5%) do sexo feminino. Quanto ao estado civil, 10 (62,5%) são casados, três (18,75%) são solteiros, dois (12,5%) viúvos e um (6,25%) divorciado. Sua experiência profissional variou de 2 a 42 anos. Em relação à procedência, a maioria é da cidade de Uberaba-MG (50%), sendo o percentual restante (50%), composto por um de cada

uma das cidades seguintes: Brasília-DF; Conquista-MG; Divino-MG; Itapagipe-MG; Sacramento-MG; Santos-SP; São Paulo-SP; e São Simão-SP.

No referente às tecnologias educacionais, os professores reconheceram como recursos: *data show*, *tablet*, *CD player*, livros, artigos, laboratórios de informática e o quadro branco, revelando uma mistura de alternativas tecnológicas e não o predomínio de um único recurso. Em relação às TDs, delas prevalece uma avaliação positiva (14 entrevistados). Há apenas uma visão negativa. Também há o que as considera sob a ótica positiva e negativa (1 entrevistado). Faz ressalvas ao uso exclusivo das tecnologias como metodologia de ensino e de aprendizagem. Destaca que “[...] a aula expositiva não pode ser abandonada. [...] o professor simplesmente pega aquela apostila de 10 anos coloca lá e põe na penumbra e vai lendo aquilo ali. Eu sou totalmente contra, a aula tem que ser movimentada” (Entrevistado 2)”. A importância da tecnologia para a realização do trabalho docente é admitida pelo reconhecimento de sua aplicabilidade e contribuição para o ensino.

A maioria avaliou positivamente a tecnologia digital, seja como ferramenta para o trabalho docente, evidenciando a sua importância para a pesquisa, a diversidade, a dinamicidade e a informação; seja como um facilitador na busca pelo conhecimento e um método de aperfeiçoamento do saber, embora este se relacione à área de atuação de cada professor.

A importância do virtual é reforçada por Peixoto (2012, p. 255), que entende a tecnologia oscilando entre uma ferramenta e um poder de configurar a cultura e a sociedade, em que “o desenvolvimento social é determinado pelo desenvolvimento tecnológico e o desenvolvimento tecnológico é conduzido por uma lógica intrínseca ao seu próprio sistema”.

Os entrevistados relatam a diversidade de possibilidades, a agilidade no processo de comunicação entre professor/aluno e mostram-se alertas contra seus usos inadequados, como o plágio.

Considerada a expansão do mundo digital, torna-se primordial o discernimento entre a tecnologia vista como ferramenta de trabalho, de lazer e/ou de ensino/aprendizagem de um lado; e de outro, como alternativa de um modo de ser, de pensar e de fazer as coisas. Ou seja, pode significar complementos ou pode ser o fator de diferença fundamental da era contemporânea, porquanto altera os modos de existir e de se relacionar.

Para Pretto (2006, p. 29), a tecnologia pode ser vista como um horizonte de possibilidades e de instrumento de inclusão social, quando

[...] adquire novo contorno, não mais como incorporação ao mercado, mas como incorporação à cidadania e ao mercado, garantindo acesso à

informação e barateando os custos dos meios de produção multimídia através das novas ferramentas que ampliam o potencial crítico do cidadão. Somos cidadãos e consumidores, emissores e receptores de saber e informação, seres ao mesmo tempo autônomos e conectados em redes, que são a nova forma de coletividade.

Rosa e Cecílio (2012, p. 25) acrescentam que não se pode precisar o significado das tecnologias apenas do ponto de vista instrumental e tecnicista ou mesmo agregá-las à ideia de domínio, competência e conhecimento. Seu significado comporta múltiplos aspectos como: “a de objetos físicos; a de uma forma de conhecimento; e, ainda outra, formando parte de um conjunto complexo de atividades humanas”.

Uma minoria, que avaliou negativamente as tecnologias, relata a dificuldade em compartilhar a atenção dos alunos com as mesmas, e as considera como fator de distanciamento na relação professor/aluno e fator de fuga do mundo real para o mundo digital.

Em complemento ao levantamento dos pontos negativos do uso das TDs no trabalho docente, percebe-se uma simplificação do significado de tecnologia. Ela é tida como sinônimo de *data show*. E mais, essa identidade entre tecnologia e *data show* faz com que este seja visto com aversão. É o caso do docente que reconhece: “*as minhas aulas são meio antigas, eu não uso máquina, eu não uso data show, eu não uso nem o antigo retroprojektor, eu falo e escrevo no quadro e trago material impresso*” (Entrevistado 12). Parece ter convicção e orgulho do como exerce a docência, mesmo que à moda tradicional.

As TDs podem limitar a busca pelo conhecimento do aluno baseado apenas na internet, mais especificamente ao Ctrl C e Ctrl V, restringindo-o às demais fontes de instrução, informação e entendimento. “*Talvez o volume hoje de conhecimento seja tão imenso em que eles não sabem distinguir as fontes. Não aprendem a distinguir as fontes, onde está o conhecimento, o que é senso comum, onde é um engodo, onde é um falso conhecimento*” (Entrevistado 8).

O que deve ser destacado é a forma pela qual se buscam as informações e conhecimento. Segundo o entrevistado 3:

*“[...] é muito recurso, é muita informação e é pouco filtro, ele não tem o filtro necessário para trazer isso de uma forma coerente, isso está correto e isso está errado. [...] não tem jeito de desenvolver esse filtro se ele não tiver conhecimento sobre tecnologia. Eu acho que é aí que entra o papel da faculdade, do curso, e onde entra o professor para ajudar o aluno a desenvolver esse filtro”.*

Ao reconhecerem os limites das tecnologias no processo formativo do aluno, os professores revelam ao mesmo tempo discernimento, criticidade e bom senso diante delas. Tal

postura insinua que mais que aparente resistência, os professores têm cautela e não se deixam submeter às inovações tecnológicas.

O processo de educar e de gerar conhecimento é uma via de mão dupla. Aprende-se na medida em que se ensina. Ensina-se a aprender e aprende-se a ensinar. Para construir saberes, é preciso anular e controlar os entraves à produção de conhecimento e da aprendizagem, de forma a resolver problemas, transformar os conflitos e administrar dificuldades. A educação tem que ser pensada num prisma de possibilidades e não de imposição de um só ponto de vista.

As fronteiras da sala de aula estão se desmanchando e o docente precisa ter autonomia, autocontrole e desenvolver mecanismos de autoformação e desenvolvimento profissional, para que não se torne escravo de ferramentas tecnológicas, mas que tenha clareza de seu lugar e papel no processo pedagógico.

#### 4 CONCLUSÃO

A aula meramente expositiva pode possibilitar a falta de diálogo, isto é, encurta a comunicação entre professor e aluno. O papel do professor é também o de mediar a produção de conhecimento e de saberes. A implantação do processo de ensino por meio virtual exige tempo, persistência, criatividade, empenho e, acima de tudo, sensibilidade e percepção para enxergar nuances e linguagens extrínsecas e intrínsecas das necessidades e dificuldades do aluno no processo educativo.

A aliança entre educação e tecnologia não é uma questão só operacional, mas de envolvimento de ordem epistemológica, técnica e profissional na busca de teorias e métodos de produção de conhecimento e de saberes, globais e específicos. Diz respeito aos aspectos didático-pedagógicos, a sua relevância, como também a inter-relação, articulação entre as dimensões técnicas e educativas, o seu uso e contexto, as tecnologias vistas como suporte e linguagem.

Nessa perspectiva, com o uso das tecnologias na era digital, o trabalho docente poderá servir tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade, como um dentre outros meios de facilitar e transformar padrões, cultura, linguagem, consumo e ambiente.

Pela participação na pesquisa, o professor poderá repensar o próprio saber e fazer docentes, buscando alternativas para relacionar-se melhor com as TDs no exercício da profissão; compreendendo os prós e contras da utilização de tais meios no processo ensino/aprendizagem e sua relevância na articulação das dimensões técnicas e educativas e do

seu uso no contexto acadêmico. Elas precisam ser vistas como recurso, suporte e linguagem, e não meramente como solução.

## 5 REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições, 1979.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – a era da informação**: economia, sociedade e cultura. ed. 10. São Paulo: Paz e Terra, 2007, vol. 1, 698 p.

PEIXOTO, Joana. ARAÚJO, Cláudia Helena dos Santos. Tecnologia e educação: algumas considerações. Sobre o discurso pedagógico contemporâneo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 253-268, jan.-mar. 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a16.pdf>>. Acesso em 24 mai. 2013.

PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio da Costa. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31.pdf>>. Acesso em 26 mai. 2013.

ROSA, Rosemar; Cecílio, Sálua. **Inovações tecnológicas**: concepções e potencial educativo no ensino superior. São Paulo: Annablume, 2012.

SANTOS, Gilberto Lacerda dos. Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.2, p.307-320, mai./ago. 2011. Disponível em: <[dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3788365.pdf](http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3788365.pdf)>. Acesso em 10 jun. 2013.

